

A DIMENSÃO TÉCNICO-OPERATIVA EM FOCO: A INTERVENÇÃO PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL NA ÁREA DA SAÚDE NA REGIÃO DE GUARAPUAVA-PR

Caroline Becher¹

RESUMO: este artigo objetiva discutir sobre a instrumentalidade em o serviço social sob a ótica de profissionais de saúde da região de Guarapuava - Paraná. Altercar sobre formação e exercício profissional é um dos temas mais tempestuosos e empolgantes do atual cenário em que se insere a categoria profissional, visto que se tem através da formação profissional um elo entre o saber teórico que norteia toda e qualquer ação profissional e a prática em si, dada está em seu cotidiano bem como as particularidades encontradas nele. Diante disso, o que se pretende precipuamente com este trabalho é demonstrar os impasses que envolvem as discussões, no âmbito do serviço social, sobre a dimensão técnica – operativa da profissão no campo de atuação da saúde no município de Guarapuava dos municípios que compõem a 5ª regional de saúde.

ABSTRACT: This article aims to discuss the instrumentality in social work from the perspective of health professionals in the region of Guarapuava - Paraná. Altercar on training and professional practice is one of the most stormy and exciting topics in the current scenario in which the professional category is inserted, since through professional training there is a link between theoretical knowledge that guides any and all professional action and practice in itself, given is in your daily life as well as the particularities found in it. In view of this, what is primarily intended with this work is to demonstrate the impasses that involve discussions, within the scope of social work, about the technical - operative dimension of the profession in the field of health in the municipality of Guarapuava of the municipalities that make up the 5th regional health system.

179

INTRODUÇÃO

Altercar sobre formação e exercício profissional é um dos temas mais tempestuosos e empolgantes do atual cenário em que se insere a categoria profissional, visto que se tem através da formação profissional um elo entre o

¹ Doutoranda no curso de Serviço Social e Política Social na Universidade Estadual de Londrina. Pesquisadora no Grupo de estudos de Estado e Gestão de Políticas Sociais - UEL. Possui mestrado Interdisciplinar no curso de Desenvolvimento Comunitário - UNICENTRO. Linha de pesquisa: Estado e Gestão de Políticas Sociais - investigação dos diferentes modelos de Gestão das Políticas Sociais. Sistema de Proteção Social para população rural. Questão Agrária brasileira e a interface com as Políticas Social.

saber teórico que norteia toda e qualquer ação profissional e a prática em si, dada está em seu cotidiano bem como as particularidades encontradas nele.

Diante disso, o que se pretende precipuamente com este trabalho é demonstrar os impasses que envolvem as discussões, no âmbito do serviço social, sobre a dimensão técnica – operativa da profissão no campo de atuação da saúde no município de Guarapuava dos municípios que compõem a 5ª Regional de saúde.

Trata-se, portanto de uma pesquisa exploratória com abordagem quantitativa e qualitativa, e tem por objetivo analisar a aplicação dos instrumentais técnico-operativos utilizados na intervenção profissional do Assistente Social na área da saúde no município de Guarapuava e região. O estudo foi realizado nos municípios de abrangência da 5ª Regional de saúde, totalizando vinte municípios, sendo eles: Boa Ventura de São Roque; Campina do Simão; Candói; Cantagalo; Foz do Jordão; Goioxim; Guarapuava; Laranjal; Laranjeiras do Sul; Marquinho; Nova Laranjeiras; Palmital; Pinhão; Pitanga; Porto Barreiro; Prudentópolis; Reserva; Rio Bonito do Iguaçu; Turvo e Virmond.

Nesse contexto, busca-se desvendar as situações muito particulares destas intervenções e, além disso, compreender qual a teoria social que as embasa, bem como compreender o entendimento sobre tal teoria e a relação que se busca estabelecer entre o saber teórico e o saber prático.

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática (MINAYO, 1994, p. 17).

Para tanto, na construção do estudo, tornou-se necessário o uso de uma metodologia de pesquisa que, neste caso, optou-se pela qualitativa, tendo como finalidade obter respostas às indagações do pesquisador em relação ao objeto de estudo, tornando nossa análise aprofundada com vista a resultados significativos. É bem verdade que a “[...] pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa das Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos” (MINAYO, 1994, p. 21) correspondendo a um espaço profundo de relações concretas.

Convém ressaltar que o contato entre o pesquisador e o sujeito, que a pesquisa qualitativa proporciona, auxilia na observação dos fatos e situações que não estão no aparente, mas que possuem relevância para o enriquecimento da pesquisa. Sendo assim, foi utilizada a pesquisa qualitativa para traçar um perfil de nossa amostra de pesquisa com 8 (oito) profissionais de Serviço Social que atuam na área da saúde no município de Guarapuava e região.

Para tanto, a metodologia ora apresentada possui característica de pesquisa exploratória, a qual se constitui num conjunto de ações e de fases na construção

de uma trajetória investigativa. Para Minayo (1994, p. 32), este tipo de pesquisa compreende várias fases: “[...] a escolha do tópico de investigação; a delimitação do tema; a definição do objeto e dos objetivos; a construção do marco teórico conceitual; a escolha dos instrumentos de coleta de dados; a exploração de campo”. Dessa forma, apropriando-se dos princípios e práticas profissionais tornou-se possível analisar e buscar alternativas para aplicação dos instrumentais técnico-operativos utilizados na intervenção profissional do Assistente Social, propiciando a reflexão dos leitores sobre a relevância do tema que demandam a uma parcela de profissionais.

Acrescenta-se a tudo isso a utilização do questionário, que “(...) entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado” (GIL, 2002, p. 114), como instrumento de coleta de dados, para a realização da pesquisa, com perguntas previamente formuladas. Tal roteiro obteve perguntas previamente estruturadas aos profissionais Assistentes Sociais que atuam na área da saúde, de forma a descrever a realidade vivenciada por estes profissionais.

Oportuno se torna dizer que para a elaboração da pesquisa foi necessária pesquisa bibliográfica de forma a elaborar o referencial teórico sobre o objeto de estudo. Para Minayo (1994, p. 53), “(...) a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os atores envolvidos em seu horizonte de interesse (...)”, demonstrando um confronto de teorias dentro de um determinado contexto histórico e social, criando novos conceitos e sistematização de produções científicas.

Os questionários preenchidos foram revisados e as respostas pré-codificadas foram digitalizadas diretamente valendo-se deles para a confecção de gráficos, tabelas e inferências que depois foram analisadas de forma crítica atendendo os preceitos da teoria social crítica de orientação desta pesquisa. Segundo Canzonieri (2010, p. 96), na pesquisa qualitativa não se trabalha com dados numéricos, o que não impede a existência de ilustrações elucidativas, tabelas, gráficos entre outros, porque a explicação dada não se baseia em números ou estatística e sim na clarificação do fenômeno. Primordial se faz explicar que para que o trabalho adquira uma boa sistematização e didática, bem como manter o sigilo dos sujeitos envolvidos, denominamos os sujeitos da pesquisa como Assistentes Sociais (AS), sendo eles “AS1”, “AS2”, “AS3”, “AS4”, “AS5”, “AS6”, “AS7” e “AS8”.

O artigo foi construído em 03 (três) itens que perpassaram brevemente processo de teorização do Serviço Social, onde destacamos o método em Marx e de que forma se deu a sua inserção no Serviço Social brasileiro.

O segundo item destina-se a apresentar as discussões pertinentes a dimensão técnico-operativa propriamente dita, seus principais desafios e ainda os conceitos de instrumentalidade, instrumentos e alguns apontamentos sobre a mediação no Serviço Social.

O terceiro e último item, preocupa-se em oferecer esclarecimentos sobre a identificação da dimensão técnico-operativa a partir de estudos com este foco de análise, compreender o universo da categoria profissional pesquisada, desvendar a complexidade dessas ações e identificar a que referencial teórico estão vinculadas.

O interesse aqui foi apresentar reflexões que, de alguma maneira, se somem às já existentes contribuindo para o aprofundamento da discussão. Não existe, de nossa parte, a pretensão, de esgotar o assunto. Isto, no entanto, não nos impede de desejar que o resultado dessa pesquisa seja de fundamental valia para os profissionais do Serviço Social, em especial para região centro-oeste paranaense.

A QUESTÃO DO MÉTODO EM MARX: CONTEXTOS E INSERÇÃO NA PROFISSÃO

Perpetradas estas considerações iniciais, imperioso se faz uma abordagem panorâmica acerca do conceito, estrutura e classificação do método em Marx. A palavra **dialética** pode ser entendida, de uma forma simplificada, como um choque de contradições para se chegar a um objetivo ou a uma conclusão. Dentro de uma visão moderna do sentido da palavra, entende-se que [...] “é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação” (KONDER, p.3, 1981). Neste sentido, o método denominado de **materialismo histórico dialético**, criado por Karl Marx (1818-1883), possui algumas características particulares que serão abordadas.

Tem-se num primeiro momento uma aproximação de Marx com os manuscritos de Hegel, essa se dá de maneira categórica, quando Hegel considera o sujeito humano como protagonista no processo de intervenção de sua própria realidade. Deste modo, podemos dizer que este autor abriu caminhos para a discussão de Marx sobre a dialética e ademais sobre o método dialético.

A apreensão do método em Marx constitui-se em uma tarefa difícil, tendo em vista que o autor não deixa explícita uma fórmula de sua aplicabilidade referente ao seu método, ou seja, um método “pronto” para ser seguido. Para tanto, utiliza-se dos próprios conceitos da economia clássica para tecer a ideia primária sobre o **trabalho**, este entendido como algo concreto, ou seja, apreender o objeto analisando o trabalho como componente inter-relacionado a uma totalidade, destacando assim, que é a partir das partes abstraídas de um conhecimento da realidade que se tem de forma rearticulada um todo concreto. Nesse sentido pode-se dizer que uma característica desse método consiste em:

O traço fundamental e essencial da teoria marxista do conhecimento [...] é a natureza “construtiva” do conhecimento. Isto é, o conhecimento para Marx resulta de construção efetuada pelo pensamento e suas operações; e consiste numa “representação” mental do concreto (isto é, da parcela de realidade exterior ao pensamento conhecedor, e por ele considerada). (PRADO, p.9, 2001).

Nesta direção, dentro de uma visão materialista de Marx, compreende-se que o concreto deve ser visto em duplo sentido, de um lado a perceber a realidade material existente, independentemente do pensamento, resultando em um mundo empírico, ou seja, um concreto que já existe, entretanto ainda não foi pensado, mediado e refletido. Por outro lado, o concreto para Marx, é entendido como uma forma de representação mental, uma realidade apreendida a partir de percepção imediata, pensada e representada diante do intelectual do concreto, tornando-se um todo pensante. Em famosa passagem, Marx explicou que:

O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, a unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo. (MARX, 1974, p. 122)

O ponto de partida é a vida cotidiana, no entanto, a sua efetividade se modifica se for considerada apenas enquanto tal. Faz-se necessário apreender as suas múltiplas determinações. A partir do momento em que essas determinações forem apropriadas pela razão teórica, pode-se retornar ao concreto real, dessa vez na forma de concreto pensado, elaborado pela razão.

Para Marx, pensar em um real inteligível constitui-se numa totalidade sendo esta, uma síntese de múltiplas determinações, resultando desta forma em uma categoria de pensamento e não meramente de uma realidade empírica. Nesse ponto, pode-se destacar a diferença de Hegel que entende o real apenas no mundo das ideias, entendendo o empírico somente como aparência dos fenômenos, em contrapartida Marx admite a ideia de o real como empírico, e o mundo material e as ideias como seu reflexo no pensamento.

Dentro de algumas características particulares do método de Marx, é necessário destacar o processo de se passar da aparência para a essência, neste sentido é necessário entender a compreensão interna do fenômeno e, desta forma, identificar os elementos que o constituem internamente. Em um segundo momento, entender o fenômeno inserido em uma dimensão maior, compreendendo assim os múltiplos determinantes que envolvem o fenômeno.

Deste modo, pode-se considerar que a concepção do Método em Marx, possui características investigativa, expositiva, descritiva de interpretação e análise crítica da realidade, e deste modo superando a visão positivista, que está atrelada a regras formais de experimentação, contemplação, dedução e comparação de fenômenos. Observa-se então que a atividade humana prática permite observar, analisar, transformar e interpretar o mundo material, tendo na teoria a expressão da realidade trabalhada. Para tanto não existe uma teoria que se dissocie da prática. Nesse sentido, portanto, o método construído por Marx, concede ao pesquisador a liberdade de construir suas formas de mediações necessárias para a apreensão e compreensão do real, diante de diversas categorias que permitem buscar a gênese dos fenômenos sociais, dentro de um movimento contraditório.

O Serviço Social obteve seus primeiros contatos com a teoria marxista ao longo do “processo de reconceitualização”, de caráter necessariamente sincrético e

multifacetado, que promoveu um intenso debate teórico-metodológico entre os assistentes sociais e consumiu uma década, aproximadamente de 1965 a 1975. Diversos estudantes e profissionais já formados em Serviço Social, a partir da segunda metade dos anos 60 do século XX, já estabeleceram seus primeiros contatos com o marxismo através dos movimentos sociais e da resistência à ditadura militar.

Esse processo manifestou, no seu interior, tendências diversas predominantemente denominadas por Netto (1991) como “modernizadoras” (de orientação funcionalista – CBCISS, 1989), de “reatualização do conservadorismo” (de inspiração fenomenológica – ALMEIDA, 1986) e com “intenção de ruptura” (de tendência marxista – SANTOS, 1983), todas elas comprometidas com a discussão e a formulação de alternativas teórico-práticas em relação ao “Serviço Social tradicional” (SILVA, 2007, p.283)

Nesse sentido, a partir de todo o processo de busca pela teorização do Serviço Social, vislumbra-se nesse momento uma forte tendência comprometida em romper com as teorias anteriores de cunho conservador, adentrando assim o marxismo como fundamento que norteia a prática profissional.

As primeiras influências do marxismo no Serviço Social – “adoçadas” pela autocracia burguesa e pela sua expressão política no regime militar brasileiro de 1964 (NETTO, 1992) –, vão adquirir maior visibilidade durante o processo de abertura democrática “lenta e gradual” a partir da segunda metade dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX. (SILVA, 2007. P.284)

Evidentemente esse processo não se deu de forma imediata, mas sim é fruto de um longo processo de amadurecimento da própria profissão e do contexto social em que se encontrara o país. Entretanto não podemos deixar de esclarecer algumas considerações sobre as interpretações equivocadas acerca do método de Marx.

No campo marxista, muitas das deformações tiveram por base as influências positivistas, dominantes nas elaborações dos principais pensadores (Plekhanov, Kautsky) da Segunda Internacional, organização socialista fundada em 1889 e de grande importância até 1914. Essas influências não foram superadas – antes se viram agravadas, inclusive com incidências neopositivistas – no desenvolvimento ideológico ulterior da Terceira Internacional (organização comunista que existiu entre 1919 e 1943), culminando na ideologia stalinista. (NETTO, 2009, p.3)

Importante torna-se a destacar que o “Método BH” (que inaugura o surgimento da vertente nominada por NETTO – 1991, de “intenção de ruptura”) evidencia-se enquanto um marco para se entender a trajetória do Serviço Social no Brasil, sobretudo pela sua original e formal aproximação com a tradição marxista. Fundamentalmente podemos inferir que o “Método BH” consistiu efetivamente no primeiro projeto para a profissão, que pretendia de fato romper com o “Serviço Social tradicional”, do ponto de vista teórico-metodológico, formativo e também interventivo.

Na busca por essa teoria, ou podemos denominar nesse contexto de aproximação ao “método”, a experiência de Belo Horizonte já indicava os parâmetros para a construção de um determinado perfil profissional, cuja competência deveria estar assentada em pelo menos três dimensões: **política, teórica e interventiva**. (ORTIZ, 2005. p.4)

Entretanto, devemos salientar que a partir das discussões desse método (BH), Netto (1991) “observa a errônea concepção de prática como “produtora de conhecimentos”, e de teoria, ora identificada como “conhecimento científico do mundo”, ora como similar a sistematização.” (ORTIZ, 2005, p.5). Coaduna com essa ideia lamamoto (1999) ao colocar que:

(...) uma clara separação – que chega ao nível da excludência - entre as dimensões lógicas e históricas do método, verificando-se uma ‘suspensão’ da dialética do conhecimento, desconectada da história. A categoria trabalho, ontologicamente determinante na obra de Marx, está inteiramente ausente e é desconhecida na análises da prática social e da relação teoria e prática. Assim as categorias deixam de ‘expressar formas de ser, determinações de existência’, desligando-se do movimento da sociedade que deveriam expressar, passando a ser criações aleatórias do pensamento. Esse deslocamento das dimensões lógicas e históricas fere no ‘coração’ o método marxiano.(IAMAMOTO, 1999:212)

Para tanto, entende-se de forma clara e objetiva que é a recorrência aos próprios textos de Marx (e, eventualmente, de Marx e Engels) que propicia o material indispensável e adequado para o conhecimento do método que ele descobriu para o estudo da sociedade burguesa (NETTO, 2009, p. 5). Ao assumir o método de Marx, o Serviço Social admite a teoria como fundamento essencial que norteará sua prática profissional.

Foi sob o legado deixado por essa tradição, originalmente denominado por Netto (1991) de “intenção de ruptura” (com todos os problemas e limitações enfrentadas), que a aproximação entre o Serviço Social, as produções marxianas e marxistas se deram ao longo das décadas de 80 e 90 do século XX até os dias atuais. (SILVA, 2007, p.286)

A introdução da teoria marxista gerou ao Serviço Social contribuições significativas, ou seja, efeitos práticos, como nas diretrizes curriculares nacionalmente aprovadas para os cursos de Serviço Social no Brasil, que trouxeram impactos significativos na formação profissional, outro fator positivo culmina na revisão do Código de Ética do Assistente Social (1993) e na formulação de um projeto ético-político claramente comprometido com demandas oriundas da classe trabalhadora. Diante desses fatos, constata-se que um dos grandes impasses atuais do Serviço Social consiste no distanciamento entre teoria e prática, em outras palavras “o famoso distanciamento entre o trabalho intelectual, de cunho teórico-metodológico, e o exercício da prática profissional cotidiana”.

Outro desafio refere-se à “construção de estratégias técnico-operativas para o exercício da profissão, ou seja, preencher o campo de mediações entre as bases teóricas já acumuladas e a operatividade do trabalho profissional”. (IAMAMOTO, 2000, p.52). Importante torna-se a lembrar os pressupostos que fizeram firmar novos pilares para o exercício profissional. Na concepção de lamamoto (2000, p.53):

O primeiro pressuposto é o de que a apropriação teórico-metodológica no campo das grandes matrizes do pensamento social permitiria a descoberta de novos caminhos para o exercício profissional. A primeira assertiva é que a busca de novos caminhos passaria por uma apropriação mais rigorosa da base teórica-metodológica.

Já um segundo pressuposto apontado pela autora é de que o “engajamento político nos movimentos organizados da sociedade e nas instâncias de representação da categoria garantiria [...] a intervenção profissional articulada aos interesses dos setores majoritários da sociedade” (IAMAMOTO, 2000, p.53). A segunda afirmativa corresponde ao reconhecimento da dimensão política da profissão.

Um terceiro pressuposto apontado por lamamoto (2000) “é de que o aperfeiçoamento técnico – operativo mostra-se como uma exigência para uma inserção qualificada do Assistente Social no mercado de trabalho”, cada elemento exposto acima, o teórico metodológico, o ético – político e o técnico – operativo são essenciais e se completam entre si, entretanto aprisionados em si mesmos, transformam-se em limites que a categoria profissional vem apresentando e que com urgência necessitam ser ultrapassados como o teoricismo, o militantismo e o tecnicismo. (IAMAMOTO, 2000, p.53)

A autora, de uma forma bastante sistemática, aponta algumas afirmativas relacionadas aos pressupostos acima citados. A primeira assertiva diz respeito à fundamentação teórico-metodológica em prol do exercício profissional. Entretanto a autora nos alerta que “O domínio teórico metodológico só se completa e se atualiza ao ser frutificado pela história, pela pesquisa rigorosa das condições e relações sociais particulares em que se vive.” (IAMAMOTO, 2000, p. 54)

Somente o domínio de uma perspectiva teórico – metodológica, dissociada de uma realidade ou de um engajamento político ou ainda de uma base técnico operativa, “não é suficiente para imprimir novos caminhos ao trabalho profissional. Corre-se o risco de cair no *teoricismo estéril*, uma vez que a metodologia nos fornece uma lente para a leitura e explicação da realidade social, o que supõe a apropriação dessa mesma realidade” (IAMAMOTO, 2000, p.54).

A segunda assertiva, aponta que “apenas o engajamento político do cidadão profissional não é suficiente para diretamente dele derivar uma base teórica rigorosa” (idem, p. 54), ou seja, esse engajamento político dissociado de bases teórico-metodológicas e do instrumental técnico operativo é escasso para aclarar originais expectativas para o Serviço Social.

E por fim, a terceira assertativa, muito relevante no contexto da pesquisa estudada, diz respeito à “necessidade de uma base técnico-operativa para a profissão [...]” (IAMAMOTO, 2000, p.55). Contudo, pode-se concluir que

[...] o reconhecimento da necessidade de o Serviço Social dar um mergulho na realidade social do país restringe-se, com freqüência, ao plano do dever ser e menos a realização de estudos e pesquisas que expressem sua efetivação. [...] articular a profissão e a realidade é um dos maiores desafios, pois entende-se que o Serviço Social não atua apenas sobre a realidade, mas atua na realidade. [...] o esforço está, portanto, em romper qualquer relação de exterioridade entre a profissão e realidade, atribuindo-lhe a centralidade que deve ter no exercício profissional. (IAMAMOTO, 2000, p.55)

Importante se torna a destacar que o profissional deve voltar-se à realidade, ou ainda, a totalidade do movimento da realidade complexa e contraditória que, por sua vez, possui uma dinâmica própria, não surge de um abstrato. O singular como parte constitutiva da totalidade, ou seja, a forma como o universal aparece imediatamente aos olhos dos assistentes sociais na esfera da vida cotidiana. Diante disso, é preciso reivindicar uma densa formação teórico-prática em âmbito de Serviço Social.

A DIMENSÃO TÉCNICO-OPERATIVA

Compreender a “dimensão técnico-operativa implica reconhecer a sua complexidade dada pela diversidade de espaços sócio-ocupacionais nos quais os profissionais transitam e pela própria natureza das suas ações nos diferentes âmbitos do exercício profissional” (MIOTO, 2009, p.27). Ainda, no campo desta dimensão, assim denominado de o “fazer profissional” está a “*orientação*”. Segundo (MIOTO 2009) significa dizer que definir apenas como orientação a interferência realizada pelo Assistente Social, sem discutir o campo ao qual a ação está vinculada, os seus objetivos e os instrumentos dessa orientação, não permite o aprofundamento do debate sobre a especificidade da ação à luz do objeto da profissão e do projeto ético-político. Tal indistinção leva ainda, o profissional a ter dificuldades no âmbito do diálogo e na construção de propostas interdisciplinares.

Nessa perspectiva, especialmente no que se refere à dimensão técnico-operativa pressupõe a relação entre os conteúdos teórico-metodológicos, na intervenção junto à realidade social. Acredita-se que a reflexão sobre essa dimensão técnico-operativa do Serviço Social, vem contribuir no debate sobre o desvendamento da atuação do Assistente Social no cotidiano contemporâneo.

Marx, na oitava Tese sobre Feuerbach, indica que “Toda a vida social é necessariamente **prática**. Todos os mistérios que levam a teoria ao misticismo encontram a sua solução racional na práxis humana e no compreender desta práxis” (MARX, 1996, p.109). Entende-se, desta forma, a prática como um espaço onde se origina, realiza e confronta-se o conhecimento, pois é o local onde a realidade se põe.

Em se tratando de cotidiano profissional, ressalta-se a incessante busca de uma prática que tem em vista introduzir mudanças imediatas dentro de uma realidade ou contexto social. Neste sentido, “O Assistente Social realiza esta ação a partir das manifestações imediatas das relações sociais no cotidiano da vida dos indivíduos. É no cotidiano que se dá a reprodução das relações sociais” (IAMAMOTO, 1994, p.102).

Dentro do proposto, Mioto (2009, p. 26) discorre que um grande desafio “[...] refere-se ao rompimento com as classes dicotômicas entre dimensão teórica-metodológica e a dimensão técnico-operativa (teoria *versus* prática)”. Diante disso, torna-se fundamental refletir e, sobretudo discutir a relação teoria e prática para perceber as limitações presentes na profissão e também para construir novos caminhos para a profissão.

A dimensão técnico-operativa se refere mais estritamente aos elementos técnicos e instrumentais para o desenvolvimento da intervenção. Considera-se que:

Instrumental técnico – operativo como articulação entre instrumentos e técnicas, pois expressam a conexão entre um elemento ontológico do processo de trabalho (os instrumentos de trabalho) e o seu desdobramento – qualitativamente diferenciado – ocorrido ao longo do desenvolvimento das forças produtivas (as técnicas). Portanto, as técnicas se aprimoram a partir da utilização dos instrumentos, diante da necessidade de sua adequação as exigências de transformação dos objetos, visando o atendimento das mais variadas necessidades humanas. A técnica pode ser formada, então, como uma qualidade atribuída ao instrumento para que ele se torne o mais utilizável possível, em sintoma com a realidade do objeto estudado. (TRINDADE, 1999, 65 apud COSTA, 2008.p.59)

188

Desta forma, entende-se que a técnica viabiliza e melhora os instrumentos “contanto, que não seja isolada em uma concepção tecnicista, mas atribuída e aplicada a referencias teóricos e metodológicos” (COSTA, 2008.p.58 - 59). A apreensão acerca da dimensão técnico-operativa está pautada a um campo do fazer profissional, especialmente conexo com a prática, e que supera a mera aplicação dos instrumentos. Apreende-se que o Serviço Social não dispõe de um conjunto específico e exclusivo de instrumentos e técnicas, mas faz uso diferencial do instrumental técnico criado pela ciência priorizando aqueles instrumentos, recursos e técnicas que conduzem as suas finalidades e iluminando, permanentemente, o uso da técnica com sua intencionalidade (COSTA, 2008.p.58 - 59).

Portanto, o instrumental técnico deve ser fruto de um processo exaustivo de busca ao conhecimento científico e, sobretudo, deve ancorar-se em uma escolha consciente e reflexiva. O instrumento não deve ser considerado um mecanismo meramente técnico, mas “precisa ser considerado em uma dimensão política, uma vez que pressupõe e se vincula a um projeto político que pode ou não ser de superação, sendo primordial o estabelecimento de mediações adequadas no seu manejo” (COSTA, 2008. p. 60).

Na atualidade, os assistentes sociais retomam a questão da instrumentalidade já avançando na análise e apreendendo a noção de que a teoria não muda o mundo e que o instrumental é a ferramenta que a práxis contempla implicando, na consolidação do tripé da dimensão profissional: teoria-metodologia, ético-política e técnico-operativo.

Portanto a imprescindível integração teoria e prática, que dá sustentação à transformação, fora desconsiderada em suas dimensões teórico-metodológica, ídeo-política e técnico-operativo. Resultando assim, na ênfase da teoria, no método e na história distanciados da prática, que implica mais diretamente o instrumental e, portanto, daquilo que se coloca como a excelência do serviço social: o saber e o fazer.

É preciso aprofundar e esclarecer sobre a instrumentalidade, para tanto se torna necessário utilizarmos os referenciais de Yolanda Guerra, que apresenta elementos que antecedem a discussão dos instrumentais e técnicas, que é a própria instrumentalidade, procurando requalificar a posição que o elemento instrumental ocupa na construção da profissão. Ela faz referência à instrumentalização da profissão ao projeto burguês.

Dentro de uma concepção mais ampla sobre instrumentalidade a autora coloca que a instrumentalidade é uma condição necessária para reprodução da espécie humana, no sentido que se estabelece a relação homem-natureza, dentro de uma relação de transformação existente pelo primeiro sobre a segunda, ou seja, através do trabalho. Este movimento de transformar a natureza é trabalho.

A instrumentalidade posta na relação dos homens como o objeto do trabalho, no ato da produção, é transposta para a relação com outros homens e cria o domínio daquele que não produz sobre a produção e o respectivo produto. Assim como aliena a própria atividade, da mesma maneira outorga a um estranho a atividade que não lhe pertence. (Marx, 1975:168 apud Guerra, 2007, p.104)

Esse é o processo pelo qual o homem utiliza para transformar a natureza é transportada para as relações dos homens em si, interferindo em nível da produção social, produz um mundo material e espiritual, necessários a realização da práxis.

A instrumentalidade é a capacidade que a profissão vai adquirindo na medida em que concretizam objetivos, tais capacidades alteram, transformam,

modificam as condições objetivas e subjetivas ao nível do cotidiano. Na medida em que os profissionais utilizam, criam, adéquam às condições existentes, transformando-as em meio (ou podemos dizer instrumentos), para objetivação das intencionalidades, suas ações, portanto são dotadas de instrumentalidade.

É, portanto, no movimento da história que a instrumentalidade do Serviço Social pode ser vista como mediação pela qual ou através da qual pode-se recuperar a ruptura entre a correção dos meios e a coerência e legitimidade dos fins, transcendendo as ações instrumentais e a razão instrumental (esta como meio de controle/manipulação da sociedade), rompendo com as concepções de profissão que a tomam como técnica, tecnologia ou engenharia social, bem como com as que a interpretam como uma ciência, um ramo do saber ou mesmo uma forma de ação social. (GUERRA, 2000, p.30)

A instrumentalidade entendida como mediação é o espaço para pensar nos valores referentes às ações, subjacentes ao nível e na direção das respostas que estamos dando e pelas quais a profissão é reconhecida ou questionada socialmente. É, portanto através da instrumentalidade que passam as decisões alternativas concretas, de indivíduos concretos, em situações concretas. “(...) e por isso nela residem as possibilidades da passagem do ser em si dos homens – já que todo fim é sempre particular – para a sua genericidade, para os valores e as finalidades humano-genéricas.” (GUERRA, 2000, p. 30)

Tratar-se-á aqui a instrumentalidade como uma mediação que permite a passagem das ações meramente instrumentais para o exercício profissional crítico e competente. Como mediação, a instrumentalidade permite também o movimento contrário: que as referências teóricas, explicativas da lógica e da dinâmica da sociedade, possam ser remetidas à compreensão das particularidades do exercício profissional e das singularidades do cotidiano. Reconhecer a instrumentalidade como mediação significa tomar o Serviço Social como totalidade constituída de múltiplas dimensões: técnico-instrumental, teórico-intelectual, ético- política e formativa.

A mediação é uma das categorias do método construído por Karl Marx, de compreensão da sociedade burguesa. Nesse sentido não só faz parte do método, como se associa a outras categorias. Ela é uma categoria dialética, tem caráter dinâmico e processual, com dupla dimensão sendo ontológica – que pertence ao real – e reflexiva – elaborada pela razão, “dá a visibilidade panorâmica do sentido da palavra dialética, porque deixa transparentes as articulações categoriais do 'núcleo': a totalidade, a negatividade, e a mediação se imbricam num todo complexo, lógico e coerente.” (PONTES, p. 56, 2007).

Em suma, o assistente social não é um mediador, nem criará mediações, o conceito de mediação, como indica Pontes (2007, p. 78) quer dizer que “são expressões históricas das relações que os homens estabelecem com a natureza e conseqüentemente das relações sociais daí decorrentes, nas várias formações sócio-econômicas que a história registrou”.

Assim a partir da leitura da totalidade da realidade, a mediação possibilita a superação da dicotomia existente entre teoria e prática. Para a prática profissional do Assistente Social é necessário, tendo em vista os instrumentais dispostos ao profissional, saber mediar entre esferas particular, singular e universal, considerando a teoria e metodologia e os limites postos na realidade social. Assim ao apreender a totalidade da realidade, e suas contradições, o profissional captará as possibilidades de intervenções, as possibilidades de mediações.

A dialética da tríade, universalidade, particularidade, singularidade, expressa-se na realidade da vida cotidiana de cada ser social. “O plano da singularidade é a expressão dos objetos “em si”, ou seja, é o nível de sua existência imediata em que se vão apresentar os traços irrepetíveis das situações singulares da vida em sociedade, que se mostram como coisas fortuitas, rotineiras, causais” (Pontes, 2008, p.85). É, portanto, na dialética entre as esferas universal e singular que se encontra o ponto principal para desvendar o conhecimento do modo de ser do ser social. Lukács denomina essa dialética de particularidade, caracterizando-a como um campo de mediações. Nesse espaço de mediações que as situações singulares se vitalizam com grandes leis tendenciais da universalidade e dialeticamente as leis universais saturam-se de realidade.

IDENTIFICAÇÃO DA DIMENSÃO TÉCNICO-OPERATIVA

O Serviço Social se expressa, basicamente, na sociedade como uma prática, por isso necessita de uma relação dinâmica com o saber teórico, como um fundamento, mas que deve se inspirar na prática e dela devem derivar para poder servi-la. Diante disso, torna-se fundamental refletir e, sobretudo discutir a relação teoria e prática para perceber as limitações presentes na profissão e também para construir novos caminhos.

A realidade cotidiana coloca à prova a capacidade do profissional em estabelecer que a mediação possibilite ou dê condição de uma prática embutida de elementos teóricos. Para tanto, a prática nos põe em contato com a realidade objetiva. Desvelar essa atuação remete-nos a uma análise aprofundada do contexto social e histórico em que se insere a categoria profissional. Diante disso, é importante sintonizar o serviço social com as diversas demandas emergentes no atual cotidiano profissional. Neste sentido, Iamamoto considera que:

Um dos maiores desafios que o Assistente Social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir das demandas emergentes no cotidiano. (IAMAMOTO, 2003, p.20)

Oportuno se torna dizer que essas alternativas postas ao profissional não surgem como algo mágico, essas possibilidades devem aparecer da prática, da realidade posta nas relações sociais e, além disso, “cabe aos profissionais

aprimorarem-se dessas possibilidades e, como sujeitos, desenvolvê-las transformando-as em projetos e frentes de trabalho” (IAMAMOTTO, 2003, p. 21).

Ao adentrar esta discussão, torna-se importante destacar que diante dos sujeitos envolvidos no processo da prática profissional é primordial uma proposição de alternativas inovadoras, criativas em relação às contradições existentes no próprio contexto que este sujeito está inserido, justamente para evitar o que lamamoto chama de “*atitude fatalista*”, que nada mais é que um conformismo profissional diante dos fatos dados pela sociedade em que se olha o fato e não se analisa a conjuntura que ele está inserido. O profissional deve ir além das atividades corriqueiras de seu cotidiano institucional, necessita buscar “(...) apreender o movimento da realidade para detectar tendências e possibilidades nela presentes passíveis de serem impulsionadas pelo profissional” (IAMAMOTTO, 1982, p. 21). Por outro lado, a realidade social vem se apresentando de forma cada dia mais adversa, provocando uma descrença na possibilidade humana de ruptura e transformação. Nesse campo de tensão é que ocorre uma ação do profissional.

Nessa perspectiva, especialmente no que se refere a dimensão técnico-operativa pressupõe a relação entre os conteúdos teórico-metodológicos, na intervenção junto à realidade social. Acredita-se que a reflexão sobre essa dimensão técnico-operativa do Serviço Social vem contribuir no debate sobre o desvendamento da atuação do Assistente Social no cotidiano contemporâneo. lamamoto nos chama atenção sobre alguns desafios postos para a categoria:

O momento presente desafia os assistentes sociais a se qualificarem para acompanhar, atualizar e explicar as particularidades da questão social nos níveis, nacional, regional e municipal, diante das estratégias de descentralização das políticas públicas. (lamamoto 2003, p.41)

Importante para o profissional é conhecer a realidade posta para a partir disso propor políticas sociais para o trato da questão social. Atuação do Serviço Social contemporâneo estabelece além de qualificação, uma capacidade ímpar de pensar, analisar, pesquisar e, sobretudo decifrar a realidade. Em relação ao Código de Ética, lamamoto (2003) nos faz lembrar que:

Os princípios constantes no Código de Ética são focos que vão iluminando os caminhos a serem trilhados, a partir de alguns compromissos fundamentais acordados e assumidos coletivamente pela categoria. Então ele não pode ser um documento que se "guarda na gaveta": é necessário dar-lhe vida por meio dos sujeitos que, internalizando o seu conteúdo, expressam-no por ações que vão

tecendo o novo projeto profissional no espaço ocupacional cotidiano
(p.73)

O projeto profissional é construído de forma coletiva e está definido nas diretrizes e bases curriculares para os cursos de Serviço Social, e é um dos grandes avanços da categoria profissional. O desafio é redescobrir alternativas e possibilidades para o trabalho profissional no cenário atual; traçar horizontes para a formulação de propostas que façam frente à questão social e que sejam solidárias com o modo de vida daqueles que a vivenciam, não só como vítimas, mas como sujeitos que lutam pela preservação e conquista da sua vida, da sua humanidade. Essa discussão é parte dos rumos perseguidos pelo trabalho profissional contemporâneo (Iamamoto, 2003, p. 75)

O Código de Ética nos indica um rumo ético-político, um horizonte para o exercício profissional. O desafio é a materialização dos princípios éticos na cotidianidade do trabalho, evitando que se transformem em indicativos abstratos, descolados do processo social. Afirma como valor ético central, o compromisso com a nossa parceira inseparável, a liberdade. Implica a autonomia, emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais, o que tem repercussões efetivas nas formas de realização do trabalho profissional e nos rumos a ele impressos (Iamamoto, 2003, p. 77).

Dimensionar o novo no trabalho profissional significa captar as inéditas mediações históricas que moldam os processos sociais e suas expressões nos vários campos em que opera o Serviço Social. Ao profissional é exigida uma bagagem teórico-metodológica que lhe permita elaborar uma interpretação crítica do seu contexto de trabalho, um atento acompanhamento conjuntural, que potencie o seu espaço ocupacional, o estabelecimento de estratégias de ação viáveis, negociando propostas de trabalho com a população e entidades empregadoras (Iamamoto, 2003, p. 80)

Na mesma direção, percebe-se uma tensão entre os campos da teoria e da prática, fator que pode ser facilmente observado quando identificamos profissionais afirmando em seu cotidiano profissional que na prática a teoria é outra. Existe um desmensurado equívoco em desvincular teoria e prática, seguramente existe uma relação entre elas, uma dependência mútua, são elementos que se completam, e o fruto dessa relação culminará em uma ação profissional instrumentalizada.

Observamos que ao serem questionados sobre a relação teoria e prática, alguns dos profissionais mostram-se bastante convencidos da importância de se articular essa relação, sendo assim o AS6 entende que :

o referencial teórico tanto da graduação quanto da pós graduação são essenciais para atuar no meu campo de trabalho e com os usuários. A compreensão da realidade dos mesmos, as formas de atenção às demandas apresentadas pelos usuários e suas famílias, as suas relações com a sociedade exigem do profissional conhecimento constante, pois a sociedade é complexa e passa por processos de transformação constantes, e como cada usuário apresenta

uma realidade singular nesse processo, para o profissional de serviço social aparece novas demandas.

No entanto o AS3 nos coloca de forma bastante confusa afirmando que “a reflexão do assistente social, originalmente é característico do profissional, acontece naturalmente. Atualmente vem sendo discutido a prática no acompanhamento dos estagiários e no momento de propor alternativas de trabalho ou na readequação do já existente”.

Apresenta-se aí uma ideia distorcida da relação teoria e prática, afinal esse processo de construção e apropriação teórica não acontece naturalmente ou de que “nasce com a pessoa ou profissional”, como afirmado pelo sujeito, mas sim se dá de forma bastante árdua, que depende de leituras e apreensões teóricas, somado a tudo isso o profissional deve entender que é na prática que as diversas realidades se põem, que é no cotidiano profissional que emergem as mais variadas demandas.

Essa falta de entendimento fica mais preocupante se considerarmos que apenas uma profissional se formou antes da reformulação das diretrizes curriculares estabelecidas pela Abepss em 1996, reformulada em 1999 e acrescida de uma resolução 2002.

Já o AS4 de forma bastante sintética aborda que “Na maioria das vezes a relação é feita através das correntes teóricas, seguindo cada qual o seu significado teórico com o usuário atendido”, fica bastante evidente através desta fala que a relação teoria e prática está longe de ser entendida como peça fundamental de uma ação instrumentalizada, afinal a relação não está entre a teoria e o usuário, e sim entre a articulação entre as dimensões que pré estabelecem as ações profissionais.

Cabe ressaltar ainda o aparecimento de uma visão eclética, entendendo que no ecletismo duas teorias que contemplem dimensões divergentes aparecem de forma associada para explicar, por exemplo, a história da luta de classes. Por sua vez, o pluralismo “é sinônimo de abertura para o diferente, de respeito pela posição alheia, considerando que essa posição, ao nos advir para nossos erros e limites, e ai fornecer sugestões, é necessária ao próprio desenvolvimento da nossa posição e, de modo geral ciência” (COUTINHO, 1991, p.14), além disso, a diretriz coloca a teoria social crítica como base da fundamentação pra formação profissional e estabelece ainda a articulação com as diferentes áreas do conhecimento, como a sociologia, antropologia, teoria política, e inclusive nestes campos solicita-se o estudo referencial teórico marxista, ou seja, os inscritos de Marx.

Essa relação de tratar “cada usuário” de forma particular é bastante perigosa, pois o profissional corre o risco de retroceder no que tange aos processos teóricos e metodológicos da profissão, afinal como já foi disposto na própria discussão do trabalho, o profissional em um determinado momento histórico, buscou o rompimento com questões ligadas ao serviço social de caso.

Nessa direção, compreende-se que a apropriação dos instrumentos e técnicas de intervenção, necessitam de um minucioso e prévio conhecimento teórico, entretanto não deixam de ter relação com a prática, como muito bem disse Santos, “Instrumentos e técnicas não são “a prática do Serviço Social”, mas estão vinculados a ela”.(SANTOS, 2010, p.35). Percebemos um entendimento equivocado sobre o conceito de instrumentalidade, quando o AS6 nos coloca que a instrumentalidade se resume em um “conjunto de instrumentos utilizados como viabilização de direitos dos cidadãos, por onde se realiza o compromisso profissional com os usuários. ” Consequentemente identificamos uma falta de esclarecimento sobre os conceitos de instrumentos e técnicas do Serviço Social, onde o AS6 como continuidade da resposta acima citada reafirma “como já foi dito, por meio deles (ela quis dizer os instrumentos) se permite a viabilização dos direitos dos cidadãos/usuários.

Coaduna com essa ideia o AS3 quando afirma que a instrumentalidade se refere a “Capacidade de agir sobre os instrumentos de trabalho” e que os instrumentos “Possibilitam a avaliação, reflexão, organização e sistematização da ação, visando o planejamento.” Nota-se que o profissional está muito atrelado a questões tecnicistas em relação aos instrumentais. Esquece de levar em conta os determinantes específicos da realidade e, sobretudo de cada situação particular, devendo ser posto em prática no sentido de facilitar e fortalecer suas ações propostas. Imperioso se faz destacar aqui, que o instrumental não deve ser entendido como elemento exclusivamente técnico, como abordado acima pelos sujeitos, mas também precisa ser considerado em sua dimensão política, pois se vincula a um projeto político, e também seu uso deve ser iluminado pela teoria social crítica.

Esse caminho está fadado a criar um profissional que, aparentemente sabe fazer, mas não consegue explicar as razões o conteúdo, a direção social e os efeitos de seu trabalho na sociedade. O assistente social fruto dessa formação corre o perigo de ser reduzido a um mero “técnico”, delegando aos outros – cientistas sociais, filósofos, historiadores, economistas etc.- a tarefa de pensar a sociedade, O resultado é um profissional mistificado e da mistificação, dotado de uma frágil identidade com a profissão. (IAMAMOTO, 2007, p. 28)

De forma alguma negamos essa característica dos instrumentos em subsidiar uma prática respaldada na efetivação de direitos, entretanto, nota-se que em momento algum refere-se à instrumentalidade como uma intervenção pensada, planejada revestida de elementos tanto teóricos, quanto político e operativos, diante disso fica evidente uma forte tendência em separar a teoria da prática.

Ainda no que diz respeito aos instrumentos, explanamos a discussão sobre o destino destes. Levando-se em conta que os instrumentos devem ser escolhidos a partir de uma reflexão da realidade posta, norteados pela luz da teoria social crítica, e que, portanto, deve ser usado como peça fundamental no processo de leitura da realidade, buscando neles elementos que favoreçam a

interpretação desta e uma apreensão ampla e, sobretudo, crítica do contexto que se insere cada demanda profissional.

Não obstante, evidenciamos em nossas análises que muitos profissionais infelizmente ainda inutilizam os dados reais contidos na coleta de informações via instrumentais, deixando de lado todo o caráter investigativo que esse elemento nos possibilita, para elucidar inferimos a fala do AS5 “Os instrumentais utilizados são mantidos em arquivo. ”, ou ainda a individualização e conclusão de cada caso isolado como muito bem expressado na fala de AS4 “é o atendimento e conclusão de cada paciente. ” Essa visão não nos permite ainda a apreensão desse instrumento com um banco de dados, podendo ser utilizado em informação e transformado em conhecimento, todo esse movimento pode resultar na proposição de programas planos e projetos ou até mesmo intervenções em prol de uma atividade e competência do serviço social.

Outro fator bastante pertinente é que nenhum dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa souberam articular as dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa, fato que se agrava levando-se em conta que apenas um sujeito formou-se antes de 1996, ano que foi atualizada as diretrizes curriculares pela ABEPSS.

Desta forma, a teoria vem justamente para conhecer a realidade, apreender o cotidiano, as conexões internas postas nos produtos da ação prática dos homens, assim não há como na prática a teoria ser outra. Afinal, a teoria é constante movimento, o qual gira em torno da prática com o intuito de contribuir com ela. Deste modo, pode-se inferir que:

[...] competência teórica é indispensável para a formação profissional, mas ela sozinha não habilita para intervenção. Sem essa formação teórica adequada, uma intervenção com qualidade fica prejudicada, visto ser a teoria que vai oferecer o significado social da ação, suas implicações e rebatimentos nas ações do outro, ultrapassando, dessa forma, o conhecimento do senso comum, rompendo, inclusive, com a visão de neutralidade dos instrumentos e técnicas. (SANTOS, 2010, p. 34)

Portanto, desvendar a realidade e, sobretudo interpretá-la à luz de uma teoria, implica em um grande desafio à categoria profissional, “Sem uma teoria consistente não se consegue ultrapassar o limite do objeto” (BAPTISTA, 1995, p. 91).

Outro fator fundamental e observado também se relaciona com a ideia de conhecimento acabado, ou seja, que os conteúdos abordados no currículo de formação do Serviço Social juntamente com os instrumentos técnico-operativos propiciem total conhecimento para realizar as medições necessárias ao seu processo de trabalho, culminando na falta de aprimoramento na formação

profissional no âmbito da pós-graduação.

[...] é importante entender que o saber que deriva da prática profissional não se coloca imediatamente de modo pronto e acabado, mas é um conhecimento que se constrói : desenvolve, traduz, codifica e decodifica um conjunto de questões que se colocam a prática profissional em determinado momento e delas extrai um saber. (BAPTISTA, 1986 apud SUGUIHIRO, 1998, p.30)

Há certa tendência de dar como óbvios os fundamentos ou os conteúdos das ações profissionais, encarando a realização de certas ações como rotina, e acreditando na existência de um consenso sobre elas. Por outro, a prevalência de certa indistinção relacionada às ações que, por serem revestidas de mesmo caráter, são realizadas sem as distinções necessárias quando são desenvolvidas em espaços diferentes e com objetivos diferentes, para atender demandas diversificadas, acarretando no empobrecimento da própria ação. Em ambos os casos, naturalizam-se as ações ao tomá-las como óbvias dentro de uma rotina institucionalizada da profissão, ou sem distingui-las em termos de objetivos e determinações relacionados aos espaços sócio ocupacionais e às demandas postas pelos usuários aos assistentes sociais.

O Serviço Social necessita de uma relação dinâmica com o saber teórico, como um fundamento. Diante disso, torna-se fundamental refletir e, sobretudo discutir a relação teoria e prática para perceber as limitações presentes na profissão e também para construir novos caminhos para a profissão. A realidade cotidiana coloca à prova a capacidade do profissional de estabelecer que a mediação possibilite ou dê condição de uma prática embutida de elementos teóricos. Para tanto, a prática nos põe em contato com a realidade objetiva.

Entende-se a importância de discutirmos ou (rediscutirmos) os instrumentos e técnicas do Serviço Social, pois “a rediscussão em torno da questão dos instrumentos e técnicas, está situada no âmbito da formação profissional, pensando-a no aspecto da prática profissional que nos remete diretamente à intervenção profissional.” (SARMENTO, 1994, p. 229).

Para a exercício profissional do Assistente Social é necessário, tendo em vista os instrumentais dispostos ao profissional, saber mediar entre esferas particular, singular e universal, considerando a teoria e metodologia e os limites postos na realidade social, assim ao apreender a totalidade da realidade, em suas contradições, o profissional captará as possibilidades de intervenções, as possibilidades de mediações.

CONCLUSÃO

Foi possível constatar através deste estudo científico, uma problemática bastante complexa, que consiste resumidamente na pouca leitura, ou nenhuma dos textos de Marx, culminando no que NETTO (2009) já nos apontava sobre um marxismo vulgar. Essa pouca leitura dos manuscritos, culminam em uma prática estritamente deficitária de compreensão os fenômenos sociais, das

esferas singular, particular e universal, da visão de totalidade, da análise da realidade objetiva levando-se em conta múltiplos determinantes. Ainda no campo desta discussão, enfatizamos a questão da prática, entendida por Marx como um espaço onde se origina, realiza e confronta-se o conhecimento.

No que refere à prática institucionalizada, identificamos que ainda persistem nos profissionais certa acomodação frente às imposições feitas pela instituição, culminando com atitudes fatalistas ou de desacreditarem na alteração das estruturas e instituições, como já nos apontara lamamoto.

Outro desafio relevante consiste na escassez de reflexão teórica sobre a profissão e a instrumentalidade bem como, da dimensão técnico operativa, vista por muitos de forma fragmentada, isolada das demais categorias. Ainda, que por fins estritamente metodológicos, as dimensões teórico - metodológicas, ético-política e técnico operativa foram separadas, há uma forte tendência entre os profissionais em fragmentá-las, como se fossem dissociadas entre si. O grande problema desta dissociação está justamente na legitimação do velho discurso de que “ na prática a teoria é outra”, comprometendo todo processo de reflexão e apreensão do método, embaçando as lentes profissionais no olhar sobre a realidade objetiva presente no cotidiano profissional.

O Serviço Social pós 90 definiu o seu referencial teórico e metodológico (teoria e método), através das Diretrizes Curriculares, do Projeto ético político profissional e também de seu Código de ética de 1993. No entanto, ainda não se consegue ter definido uma dimensão técnico operativa. Pode-se inferir nesse sentido que o Serviço Social ainda padece de um desenvolvimento que contemple sua importância e complexidade. Sobretudo, é necessário oferecer espaços de estudo que propiciem a apropriação crítica de textos originais também contidos nas fontes clássicas e, ao mesmo tempo, endossar uma formação impiedosamente sustentada na pesquisa de temas fincados na própria realidade.

Os diversos espaços sócio ocupacionais em que a categoria está inserida via Políticas Públicas (agrária, social, saúde, habitação, educação, previdenciária dentre outras), exige uma postura crítica frente às relações de poder institucionais e sobretudo, a confronto geracionais com práticas profissionais enraizadas em velhos conceitos profissionais herdados de momentos particulares da era desenvolvimentista no Brasil. Essas práticas reforçam as concepções assistencialistas, paternalistas e de cunho beneficente das políticas sociais.

É preciso com urgência, voltar-se a realidade, reaprender e reconhecer a real importância desse cenário para a prática profissional. É necessário enfatizar que todo profissional, no seu espaço e cotidiano de trabalho e intervenção, deve ampliar sua atitude investigativa, pois o fato não ser um pesquisador em tempo integral não o exime de acompanhar os avanços dos conhecimentos pertinentes ao seu campo trabalho, e ir muito além, buscar seguir as prescrições do Código de Ética e conhecer concretamente a realidade da sua área particular de trabalho, e este é o principal modo para qualificar o seu exercício profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, M. V. **A ação Profissional no Cotidiano**. São Paulo. PUC/SP, 1993 (mimeo).

CANZONIERI, A. M. **Metodologia da pesquisa qualitativa na saúde**. Petrópolis, RJ:vozes, 2010.

COSTA, Francilene Soares de Medeiros. **Instrumentalidade do Serviço Social: Dimensões teórico metodológica, ético política e técnico operativa e formação profissional**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. Dissertação para obtenção de Título de Mestre pelo Programa de Mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, Y. **A instrumentalidade do Serviço Social**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. A instrumentalidade do processo de trabalho e Serviço Social. **Serviço Social e Sociedade**.n.62. São Paulo. 2000.

IAMAMOTO, M.; CARVALHO, R. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. São Paulo: Cortez, p. 29-105, 1982.

_____. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social – Ensaio Crítico**. 2. ed. São Paulo: Cortez; 1994.

_____. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Serviço social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2010.

KONDER, L. **O que é dialética**. Brasiliense, 1981.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Coleção Os pensadores).

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã : 1º capítulo seguido das teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Ed. Moraes, 1996

MINAYO, N.C.S. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIOTO, R.C.T. & Lima, T.C.S. A dimensão técnico-operativa do Serviço Social em foco: sistematização de um processo investigativo. **Revista Textos & Contextos Porto Alegre**. Vol 8 n.1 p.22-48. Jan./jun.2009.

NETTO, J. P. **Introdução ao método da teoria social**. In: **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**- Brasília: CFESS/ABEPSS v.1. 2009.

ORTIZ, F.G. **Serviço Social e Método**. Unioeste. 2 Seminário Nacional de Estado e Políticas Sociais no Brasil, 2005.

PONTES, R. N. **Mediação e serviço social**: um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo serviço social. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PRADO JUNIOR, C. **Teoria Marxista do Conhecimento**. Ridendo Castigat Mores, 2001.

SANTOS, C. M. dos. **Na Prática a Teoria é Outra? Mitos e Dilemas na Relação entre Teoria, Prática, Instrumentos e Técnicas no Serviço Social**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

SARMENTO, H. B. de M. **Instrumentos e Técnicas em Serviço Social: elementos para uma rediscussão**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/S. 1994. Dissertação para obtenção de Título de Mestre pelo Programa de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994.

SILVA, J.F. S. Pesquisa e produção do conhecimento em Serviço Social. **Revista Textos & Contextos Porto Alegre** v. 6 n. 2 p. 282-297. jul./dez. 2007.

SUGUIHIRO, V. L. T. A ação investigativa na prática cotidiana do Assistente Social. **Serviço Social em Revista**. Publicação do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Londrina Vol.1, n.1 (Jul/Dez. 1998).